

## MISSA DO CORPO: APONTAMENTOS SOBRE O CORPO ESTRANHO NOS ESPAÇOS

**Rafael Amorim**

(Graduando em Artes Visuais –UFRJ)

RESUMO: Neste ensaio serão apontadas reflexões, questões e modos de se olhar para o trabalho performático do artista Victor de Oliveira, intitulado Missa do Corpo. Ora, a partir de uma descrição formal da ação, ora atravessado por associações sobre a presença do conceito de corpo estranho, da pesquisadora Matheusa Passareli. Estabelecendo interlocução com apontamentos de Jota Mombaça, o ensaio vislumbra o trabalho Missa do Corpo como resposta às práticas de opressões sobre os corpos desviantes. Além de abrir o leitor às camadas que o trabalho se desdobra, pretende-se trazer à discussão o papel das instituições de arte enquanto espaços de acolhimento destes corpos.

Palavras-chaves: **Performance; arte contemporânea; identidade.**

ABSTRACT: In this essay reflections, questions and ways to look at the performatic work of the artist Victor de Oliveira, entitled Missa do Corpo, will be pointed out. Sometimes, from a formal description of action, sometimes through associations about the presence of the concept of strange body, by the researcher Matheusa Passareli. Establishing interlocution with Jota Mombaça's pointings, the essay sees the work Missa do Corpo as an answer to the practices of oppression on the deviant bodies. Besides opening the reader to the layers that the work unfolds, it is intended to bring to the discussion the role of institutions of art as spaces that can accommodate these bodies.

Keywords: **Performance art; contemporary art; identity.**

*Eu habito o meu corpo para buscar habitar corpos e espaços nunca conhecidos - MatheusaPassareli*

Como ferir um lugar? Quais os gestos e quais os instrumentos capazes de abrir uma ferida na arquitetura de nossos espaços? O que é preciso para deixar marcas (visíveis ou não) nos espaços e nas paisagens acostumadas pelo olhar? Podemos começar a pensar que, tal como nossos corpos, nossos espaços se constituem da sensibilidade que envolve e preenche a carne.

Ao sujeito que delegamos a função artista, em seu papel de agente entregue o ato de criar, friccionando e esmiuçando o tecido desse estrato da realidade, espera-se que uma das respostas para as questões acima

aconteça no fazer: tomando como partida a própria experiência. Assim, com um só golpe o seu talho é deixado sobre seus/nossos cenários habituais. Mas como e com o que golpeá-lo?

Em seus segundos iniciais, é possível sugerir que a ação Missa do Corpo se assemelhe a uma imagem dentro de um sonho: uma silhueta longilínea e seminua, trajando apenas uma camisola preta, se destaca circulando entre os presentes. De início, desconhece-se seu gênero. Os cachos loiros presos num coque no alto da cabeça. Acompanhada pelo olhar dos demais, a figura sobe uma escadaria de mármore, se deita sobre a mesma e, de costas, desce degrau por degrau, escorregando lentamente.

Em movimentos repetidos, o corpo continua a utilizar as costas para se impulsionar e descer os degraus. Quando consegue, por fim, chegar ao último, como quem propõe a desumanização de sua própria imagem, arrasta-se pelo chão entre seus espectadores. Rapidamente o tecido da camisola revela alguma parte íntima e ao se levantar para retomar a ação, podem-se perceber as primeiras escoriações do contato entre pele e mármore.

Em poucos minutos de seu gesto, aquele corpo utiliza da repetição para se tornar a ferida no cenário onde está inserido. Sua execução enquanto experiência pode durar poucos ou longos minutos, já que sua partitura parece encontrar-se em construção e negociação entre artista, espaço e público.

A partir daqui, apontaremos sobre atravessamentos em sua construção, aspectos poéticos e possíveis vislumbres sobre a metodologia do trabalho de performance que intitula este ensaio, tomando com frequência as questões propostas ainda no primeiro parágrafo.

Num primeiro momento, o texto que circunda Missa do Corpo, ação do artista Victor Oliveira<sup>6</sup>, pode não explicitar uma intenção sobre abrir feridas

---

<sup>6</sup> Victor Oliveira é natural da cidade de Amparo – SP e graduando em Dança pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bailarino, coreógrafo e artista do corpo, se encontra interessado na operação de desvios nos campos de normalidade utilizando o próprio corpo como anteparo desta investigação. Sua ação, a performance Missa do Corpo surge como proposta de uma escuta pelo desejo de entender as experiências individuais e coletivas de corpos marginalizados dentro da hegemonia heterocisnormativa como metodologia para o desenvolvimento de sua pesquisa artística. Missa do corpo foi apresentada como parte da programação do II Festival Interuniversitário de Cultura – Festfic, 2017.

nos espaços onde o trabalho acontece. Interessa-nos, portanto, apontar sobre algumas de suas camadas e direcionamentos, indagações levantadas a respeito da presença de um corpo estranho e este corpo como instrumento que opera meios de deixar marcas capazes de mover a estabilidade das estruturas normativas dos espaços.

O corpo estranho, conceito desenvolvido pela artista e pesquisadora Matheusa Passareli, segundo ela, é aquele que “reside nos rastros de um grande processo de exclusão de corpos” (PASSARELI, 2017, p.2) na sociedade, na universidade, na cidade etc. Uma de suas principais características seria então ocupar o máximo de espaços possíveis para se alimentar potencialmente das estruturas de um sistema que não está preparado para recebê-lo. Desta maneira, o corpo estranho seria político no sentido de que sua presença seria capaz de criar discursos e agenciar embates meramente por buscar integrar-se ao cotidiano.

“Se manter fixo na estrutura que te oprime. Me manter fixo na estrutura que me oprime” (Op. Cit. p.2) escreveu Passareli, expondo uma noção de alteridade presente no conceito de corpo estranho. E que a partir das trocas com seus/nossos pares é que se tem sensibilizada a existência do corpo estranho em resposta às relações cotidianas de opressão. Encararemos, então, este corpo como corpo-experiência que se faz existir em sua permanência e seu trânsito sobre os espaços, tomando-os para si para remodelá-los.

Voltemos à Missa: ao chocar-se contra a escada vemos efetuada a relação de troca entre corpo e espaço e nos perguntamos: quem marca quem? Por esta fricção podemos insinuar que o corpo esculpe o espaço numa vivência conjunta com seu espectador – que assume seu lugar de *voyeur* – e consome aquele corpo em seu estado de fragilidade.

O corpo em Missa nos é apresentado advindo de uma relação com o mundo que por si só já é assimétrica, dada pelo estranhamento e pelos olhares atravessados diante de tudo o que a construção de sua imagem representa. Ainda que o corpo de Victor esteja exercendo sozinho o fazer, em Missa sua existência é plural e capaz de traduzir complexos e múltiplos

modos de se existir fora de circunscrições hegemônicas que contemplam apenas aqueles corpos que *cabem* em modelos normativos de comportamento.

Tomados por essa dubiedade de sua imagem fragilizada pelo procedimento de *escorrer* pelo mármore das escadas, encontramos Missa do Corpo como uma ação a fim de desdomesticar o olhar do outro, confrontando a noção de alteridade de quem assiste. Seu mecanismo inicial propõe um não acolhimento como resposta às violências dos espaços por onde circula a figura do corpo estranho. Seria uma apropriação profana do ritual católico para romper com seus encaixes totalitários e excludentes.

Seu estado de presença não denuncia quaisquer que sejam suas intenções por trás dos olhos vidrados e da boca entreaberta, nada em sua expressão é capaz de demonstrar qualquer atividade interna, o qual parece não sentir as muitas escoriações causadas pela frequência de sua interação com os degraus.

Fisicamente, aparentando um estado de inconsciência, sua presença fantasmagórica, que já assombrava nossas noções de masculino e feminino, beira a figura do sonâmbulo, quase como um autômato: um corpo em sua inexpressividade potencial. Mais uma camada nos é apresentada: o corpo estranho se mune de táticas de sobrevivência: performa trejeitos e teatralidades que os “corpos não desviantes” não têm acesso.



Registro pelo autor, 2017.

O corpo estranho de Victor transforma-se num autômato que além de ter seu gênero dúbio, nos seduz pelo desconforto e nos impõe uma relação de excesso de proximidade capaz de produzir este entrelaçamento contraditório entre pânico e prazer para com esse corpo-abjeto e sua condição de perturbar nossa subjetividade. Mesmo em posição de vulnerabilidade, há um controle perverso sobre o tempo, o qual – como em pesadelos – desacelera. Há igual controle de Victor sobre o espaço – a arquitetura passa a ser delimitada pelo artista – e sobre o público, propondo um embate entre o indivíduo isolado e a consciência compartilhada entre seus espectadores.

Essa vivência conjunta na ação possibilita que seus espectadores se encontrem vinculados ao espaço como responsáveis ao fazer ininterrupto daquele corpo. Ambos aparecem como agenciadores das chagas deixadas sobre o corpo estranho que o artista expõe, dentro e principalmente fora das instituições.

Como dito acima, sua ação tem qualquer coisa de profano. Tal como esperado na celebração católica, nos é oferecido o corpo e o sangue de alguém. Seu enunciado, ou seja, seu entendimento de comunhão entre duas partes (o divino e seus fiéis) traz uma significação que não totaliza ou amarra suas intenções. Por esta associação às missas é que o trabalho performativo

de Victor se expande, tenciona e salienta a presença de corpos desviantes, tomando forma enquanto provocação.

Portanto, para além do corpo como dispositivo de mediação do público com o espaço, o ritual em Missa se destaca enquanto anteparo sobre o campo da normalidade institucional.

Quando observamos mais atentamente sobre tais questões que permeiam o corpo em Missa e sua situação de performance, podemos entender que neste ensaio importa um pouco menos abrir parênteses explicativos sobre uma historicidade da performance, dando lugar ao próprio corpo do artista – o corpo estranho que Passareli nos deixa de legado – como principal metodologia para a elaboração de um estado constantemente performativo.

Este estado de constantes pulsões de criação aparece no sentido de que esta performatividade a qual tratamos apareça inicialmente de maneira natural na construção identitária dos corpos não normativos e posteriormente se torne ferramenta metodológica no entendimento das potências de si, em suas táticas de combater tudo aquilo que lhe chega como forma de opressão.

Tomemos a comunhão em Missa como convite a pensar o estado performativo do corpo estranho na sacralidade destes espaços institucionais, por exemplo. Supondo, inclusive, que estes espaços já estejam situados em nossos imaginários como lugares de acolhimento do mal-estar causado pelo campo normativo social sobre os corpos não catalogáveis dos sujeitos que fazem ou se interessam minimamente por arte; ou que cotidianamente se encontram sob a mira das frentes conservadoras que tomam de assalto cada vez mais nossos lares, nossa cultura e nossa política.

Mais do que ferir, como proposto anteriormente, a presença do corpo estranho no culto institucional aponta para a fragilidade deste espaço e se vale disso para exercer domínio sobre o mesmo. Como se o espaço o pertencesse por direito e lhe devesse algo que não as escoriações – visíveis ou não em sua pele. Sua denúncia coloca em evidência também este espaço

institucional como mecanismo de controle, catalogação e submissão de corpos e condutas desviantes.

Assim, o corpo estranho que Victor performa em traduzibilidade nos instantes de sua ação é um duplo de corpos e trajetórias durante anos de castração identitária. Ao mesmo tempo em que nos traz suas vivências, nos coloca frente à proibição da entrada de passistas do Morro da Mangueira na emblemática OPINIÃO 65 no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de frente aos mais recentes episódios de censura contra trabalhos expostos na mostra coletiva *Queermuseu — Cartografias da diferença na arte* (Porto Alegre – RS), as performances *La Bêtede* Wagner Schawartz no Museu de Arte Moderna de São Paulo e *DNA de DAN* do Maikon K no Museu Nacional da República – Brasília.

Tais exemplos nos apontam as instituições como organismos frágeis e golpeados sempre que a presença de corpos desviantes provoca algum tipo de atrito em suas rotinas. Algo semelhante à problemática universalização cristã sobre os corpos, em que todos os indivíduos são iguais perante o divino, mas que o descumprimento de determinadas condutas propostas pela religião ocasionaria a condenação. Deste modo, performar sobre a não universalização dos corpos dentro das instituições aparece como uma ação em sentido contrário ao discurso de nossas missas habituais.

No entanto, quando o corpo estranho abre feridas nos espaços que deviam lhe acolher, “para que a teoria não se reduza aos circuitos acadêmicos com suas bibliotecas empoeiradas geridas por sistemas organizacionais mecanicistas” (MOMBAÇA, 2016a, p. 7), muito comumente sua presença ainda é catalogada e reduzida ao espetáculo.





Registro pelo autor, 2017.

O corpo estranho dentro destas instituições tem sua presença associada à imagem do mártir; como se sua legitimação nestes espaços fosse restringida pelos próprios suplícios. Como se os espaços fossem meramente palcos para expor sua *via crucis*.

Movimento que é frequente na construção/dominação da imagem destes corpos desviantes da normalidade, ainda encarados sob a inadequada naturalização do conceito de exótico. De modo que, tal qual a missa católica, esse lugar/situação de conforto e de busca por acolhimento, acaba por ceifar-lhes o estado performativo do que constitui suas singularidades.

Á exemplo de Missa, o corpo estranho diz: “somos potencialmente frágeis, mas isso não deve ser compreendido como uma incapacidade ou inaptidão para autodefesa. Aprender a defender-se requer a elaboração de outras formas de perceber a própria fragilidade” (MOMBAÇA, 2016b, p. 14), como quem diz: sinta comigo.

Seria possível, então, uma aproximação o corpo do artista da ideia de corpo abjeto? Que, ao gerar repulsa e estranheza, toca a fragilidade de nossos limites, a fragilidade da distinção espacial entre nosso dentro e fora,



volta a nos jogar no buraco negro entre a arte e seu avesso, onde tateamos no escuro.

Ao se tornar a ferida na arquitetura, o corpo estranho convida o espectador a partilhar da Missa para devolver, além dos olhares de estranheza, toda a estereotipação, a sexualização, os discursos de ódio e os incômodos de suas trajetórias. Talvez seja possível encarar Missa do Corpo como uma apologia ao desconforto, algo como um deslocamento de situações externas para dentro dos espaços que são oferecidos a quem faz arte.

Contudo, não se trata de autoflagelo ou da aceitação sob o estereótipo do mártir, mas dentre seus muitos direcionamentos, a presença do corpo estranho em Missa alude uma espécie de compartilhamento da violência como resposta às relações de opressão.

Trata-se de um desejo por sobrevivência, é o que vai nos lembrar Jota Mombaça:

se não pudermos ser violentas, concentraremos em nossos corpos, afetos e coletividades o peso mortífero da violência normalizadora. E para aprendemos a performar nossa violência, precisaremos também ser capazes de imaginá-la, e de povoá-la com fantasias visionárias que rejeitem o modo como as coisas são e ousem conjurar, aqui e agora, uma presença que seja capaz de bater de volta em nossos agressores. matar nossos assassinos e escapar com vida para refazer o mundo. (Op. Cit. p.13)

Um corpo estranho que se apresenta sem gênero denunciado e em queda, submetendo aquele que o assiste “a confrontar-se consigo próprio, a expor os regimes que o sustentam, bagunçar a lógica de seu privilégio, intensificar suas crises e desmontar sua ontologia dominante e controladora.” (Op. Cit. p. 11)

Portanto, em sua Missa, o corpo estranho funciona como instrumento que propõe tirar o espectador de seu bem-estar em toda a sua imersão privilegiada na sacralidade de uma fronteira inexistente entre os espaços da arte e da vida.

Através de sua afirmação nos espaços, sobretudo nos espaços institucionalizados e quase sacros, é que o corpo estranho se torna parte da memória do lugar, levando para seu interior suas táticas e tentativas de sobrevivência. Somente a partir da construção de um ritual de sedução do olhar é que essa presença em Missa do Corpo delimita um perímetro de perversidade institucionalizada, punindo e inteirando os olhares que o consomem cotidianamente.

Em seu processo de escuta do próprio desejo, é impreciso determinar o início e o fim do estado performativo para o corpo estranho e sua necessidade vital de desvios da hegemonia dos espaços. O que Victor parece trazer em sua Missa, além de produzir imagens e intensidades, é reorganizar, traduzir e transportar estas situações de opressão para o âmbito da experiência compartilhada, tal qual por em xeque a noção de alteridade proposta pelo corpo estranho.

A imagem e semelhança de um Cristo em confronto com o próprio gênero, deslizando na direção contrária à ascensão, expõem as fragilidades do corpo estranho e das estruturas ao seu redor. De um masculino/feminino fortemente agredido por forças conservadoras. Este corpo entregue à gravidade e ao risco, constantemente em estado performativo, busca suas metodologias nas práticas cotidianas de não se deixar submeter às violências já institucionalizadas. É potência do corpo em Missa, ou seja, esta tradução do corpo estranho, transformar sua existência em proposição de arte, tangenciando um trajeto que se põe a ser político, perturbador e necessário ser compartilhado.

#### REFERÊNCIAS:

PASSARELI, Matheusa. O Rio de Janeiro continua lindo e opressor. Rio de Janeiro, UERJ, 2017.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma submetodologia indisciplinada, Rio de Janeiro. Revista Concinnitas, ano 17, volume 01, número 28, 2016a.

\_\_\_\_\_. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência!, São Paulo. Oficina de Imaginação Política, 32ª Bienal de São Paulo: Incerteza Viva, 2016